

ENTREVISTA PARA A RPS XXI

1- Por favor, apresente-se.

Sou Margareth Martins de Araújo¹, Professora Titular da Universidade Federal Fluminense (UFF), Líder do Grupo de Pesquisa de Pedagogia Social há 25 anos, Coordenadora: do Projeto PIPAS-UFF (Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Formação Inicial e Permanente de Educadores Sociais, de Crianças, Jovens, Adultos e idosos, em situação de Vulnerabilidades. Diretora Executiva da Revista de Pedagogia Social da UFF que, segundo pesquisas apresentadas no VI (Congresso Internacional de Pedagogia Social (CIPS), configura no cenário nacional e internacional como sendo a primeira revista de Pedagogia Social da América Latina e a segunda no mundo, Coordenadora do Curso de Extensão em Pedagogia Social, Idealizadora e Coordenadora (até 2025), do Curso de Especialização em Pedagogia Social para o Século XXI. Coordenadora de duas coleções físicas sobre Pedagogia Social: Coleção de Pedagogia Social para o Século XXI, Editora CRV e da Coleção Caminhos Investigativos em Pedagogia Social, Editora Pedro e João. Coordenadora do Simpósio sobre Pedagogia Social, do Congresso Internacional de Direitos humanos de Coimbra (CIDH), Integrante do Comitê Científico da Revista Quaderns d'Animació i Educació Social da Espanha. (Minha foto)

2- Qual é a sua questão guia de pesquisa?

A minha questão guia de pesquisa é tentar compreender as dinâmicas que se estabelecem quando a escola não consegue ensinar a todos e a cada um. Quais são as fragilidades na estrutura institucional e profissional, fato que nos remete à universidade como centro formador de educadores. Enquanto pesquisadora da área de Pedagogia Social, sou intimamente ligada aos processos formadores de educadores sociais, busco compreendê-los, para ajudá-los cada vez mais e melhor. É exatamente por esse motivo que realizamos nossa pesquisa na Creche Comunitária Anália Franco, uma escola que atende cerca de cinco comunidades do Bairro Santa Rosa, em Niterói, há cerca de 35 anos. (Foto da Creche)

3- Como encontrou o Projeto PIPAS-UFF?

Encontrei antes a Pedagogia Social, a bem da verdade, ela me encontro na década de 70, um trabalho altamente revolucionário, com 120 crianças de 4-6 anos, oito meses por dia, sem sala de aula, ao ar livre, em pleno exercício do AI 5. Um trabalho inovador, inspirado por orientandas de Jean Piaget, integrantes do extinto Laboratório de Currículo da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Ali, encontrei as bases de tudo o que faço até o dia de hoje. Tratava-se do Projeto de Ampliação da Educação Pré-Escolar (PAEPE), um Projeto que veio desafiar a jovem e recém formada professora que, apesar das boas notas trazidas no currículo, não estava nem um pouco preparada para lidar com tal realidade. A Organização das

¹ Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1997023044370919>.

ORCID: <https://orcid.org/000-0001-5650>. E-mail: margarethmartins@id.uff.br

Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), cobrava, na época do Brasil, uma atitude concreta sobre a grande demanda populacional de crianças da Educação Infantil fora da escola, e aquela região, e, especialmente, tinha muitas. O bairro era Campos Elíseos, segundo distrito da Cidade de Duque de Caxias e a população em questão, morava em palafitas ao redor da Refinaria Duque de Caxias. Famílias inteiras oriundas da região nordeste do Brasil, em situação de altíssimas e múltiplas vulnerabilidades, casas compostas por um único cômodo, sem banheiro, chegando ao ponto de não ter o que comer. Ao detectar essa realidade, passei um final de semana inteiro sem dormir, mas nunca mais deixei de sonhar com um Brasil liberto de tais mazelas. Ali conheci Sérgio uma criança que comia e repetia muitas vezes. Era um dia de sexta-feira, ele já havia merenda, mas na hora da saída pedia mais. Ao vê-lo perguntei porque comia e repetia tantas vezes, ao que respondeu:

- DEPOIS DE HOJE, SÓ COMO SEGUNDA-FEIRA.

Essa foi a frase que me deixou sem dormir e que serviu para bem ilustrar o meu encontro com a Pedagogia Social. Anos depois, já na Universidade como professora, elaborei o Projeto PIPAS-UFF, que já formou ao longo de duas décadas e mais, (Jubileu de Prata), mais de 10 mil educadores sociais. pessoas de todas as áreas do conhecimento que se envolvem com educação social, inclusive professores. Sérgio hoje é médico, sua história é a prova concreta de que o sistema pode até retardar os avanços dos excluídos, mas não impedir. É uma pena olhar para o nosso Brasil e perceber que o número de crianças em situação muito semelhante à de Sérgio, se multiplicou de forma exponencial.

Já tivemos a alegria de abrigar em nossos processos formativos, além de professores de todos os graus de ensino, inclusive universitários, profissionais liberais, militares, pessoas egressas do sistema prisional, técnicos administrativos, serviços gerais, lado a lado com os doutores, mestres graduados, especialistas, extensionistas... Isso é grandioso. Eis a grandiosidade de uma formação realizada no coletivo, de forma plural, resignificando o mito da homogeneidade. Eis um processo que exige dos doutores a simplicidade, e dos não doutores a coragem e a ousadia de ir adiante, avançar de forma destemida em seus estudos. Se para esses, algum dia a escola disse que não eram capazes, a universidade ajudou a provar o contrário. Isso me fascina.

O Projeto PIPAS-UFF, guarda a simplicidade do SERVIR, rompemos com a dicotomia trabalho, intelectual e trabalho manual, teoria e prática, separando os que pensam daqueles que executa, como se fosse possível executar alguma tarefa sem dispensar o mínimo de reflexão sobre a mesma. Ali todos podem, todos sabem, todos têm algo a aprender e a comunicar. Potencializamos pessoas pelo SERVIR ao próximo, colocando os seus saberes-fazer, a serviço do próximo, assim cunhamos o termo: A SERVIÇO DA VIDA E EM PROL DA HUMANIDADE, trata-se de um banquete onde todos podem usufruir, partilhar, ensinar e aprender.

A Pedagogia Social da Universidade Federal Fluminense, ousou pesquisá-la dentro da escola, dando visibilidade, anunciando e denunciando ao mundo, que é a metodologia e não as quatro paredes que definem a existência da educação formal ou informal. Ela é conceituada, reconhecida e apontada como uma Pedagogia que toca a alma, transforma vidas, estabelece pactos e instaura poder. (Araújo 2015).

Ela também se configura como a pedagogia do próximo passo, da volta por cima, dos improváveis, aqui aprendemos com a educação prisional, ser possível cair e se levantar, quantas vezes forem precisos. Embora tenha sido formada para trabalhar apenas em escolas, desde muito cedo trabalhei com pedagogia empresarial e fui descobrindo ser a escola um importante universo para a pedagogia, porém não o único.

4- Por que ficou?

Fiquei por causa de tudo o que já explanei até agora, mas, em especial, por descobrir a existência de uma pedagogia para todos e para cada um. Ela reside na teoria que denominado Teoria dos Três As: Havendo Aceitação, Acolhimento, haverá Aprendizagem. Eis uma teoria construída em 2000, durante o processo de doutoramento, pela Universidade do Estado de São Paulo (UNICAMP), uma pesquisa abraçada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC), e que desde então tem sido colocada em teste no Brasil e no mundo. De acordo com a realidade de cada um, todos podem e devem aprender em seu próprio ritmo. Independente de classe social, conta bancária, grau de instrução, cor da pele ou orientação sexual, aqui todos podem. Eis uma teoria genuinamente brasileira, colocada à prova dentro e fora do Brasil suas variantes permitem que seja aplicada inclusive em áreas fora da educação, como medicina, engenharia, segurança pública, etc. Uma Teoria que anunciou ser, a falta de aceitação do outro, em sua legitimidade, a principal fonte do fracasso da escola e reverteu o postulado de ser a criança e a família os únicos responsáveis, tiramos ambos do lugar de algozes ao lugar de vítimas de um processo educacional altamente excludente, do qual são vítimas.

5- Como foi Participar do CIDH?

Quando há cinco anos resolvi submeter a Teoria dos Três As, aos pesquisadores da área de Direitos humanos, o fiz por três motivos: O primeiro por oferecer na Faculdade de Educação da UFF (FEUFF), um componente Curricular Chamado Pedagogia SOCIAL COMO CULTURA PEDAGÓGICA, e poder detectar após alguns anos, que a mesma precisava e podia fazer parte da cultura de formação do pedagogo, como uma metodologia e ferramenta de trabalho. A Pedagogia Social chegou tardiamente ao Brasil, fomos o último país da América latina a abrir as portas para ela, e aqui vai a minha homenagem ao professor Roberto da Silva (in memoriam), que a trouxe para nós na sua versão carcerária. Aplicá-la na escola foi o nosso desafio que nos fez galgar o importante patamar de pesquisadora da área de Pedagogia Social aplicada à escola. Vide livro: Pedagogia Social: diálogo com crianças trabalhadoras, ano 2015, Editora CRV. (Foto: Minha com o Prof. Dr. Roberto da Silva). Em segundo lugar pelo convite recebido pelo nosso Grupo de Pesquisa para ajudar na fomentação de políticas públicas sobre Direitos humanos do município, oferecendo Cursos de Extensão para técnicos e líderes comunitários. e em terceiro lugar, porém não menos importante foi perceber, ao longo de décadas de teoria e prática de Pedagogia Social, que a mesma se configura como um direito humano inalienável.

Deixe uma mensagem para os nossos leitores

Meu pai costuma dizer que o advogado que estuda apenas direito, não é um bom advogado, o mês princípio de aplica a toda e qualquer carreira, dentro dessa perspectiva, sugiro:

A - @diogo oficial - Com suas críticas e alertas ao educador e a comunidade em geral.

B- Dois Doramas:

- Heróis de Plantão
- Aprendendo a lição

C - Voltem se para Dante Alighieri - A Divina Comédia

D- Leiam: Pedagogia Social na e com a Escola – (Org.) Margareth Martins de Araújo, V.IX da Coleção de Pedagogia Social para o Século XXI, Editora CRV, 2026

e percebam como a educação do Brasil chegou a esse ponto.

Uma citação de Ilya Prigogine: A ciência é um empreendimento coletivo.

Desfrutem!

Obrigada!